

EDUCAÇÃO BILÍNGUE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS SURDOS DE SUMÉ/PB¹

Adriana Farias do Nascimento¹

Joyce Gomes de Alencar²

Universidade Federal de Campina Grande/CDSA

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar a abordagem educacional bilíngue para surdos e a educação inclusiva oferecida aos alunos que estudam na escola bilíngue para surdos Nossa Senhora da Conceição em Sumé-Pb, segundo o ponto de vista daqueles educandos. Para tanto, fundamentamo-nos na Lei Federal Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras como língua oficial da comunidade surda, e em seu Art. 1º afirma: “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados”. A pesquisa se efetiva de acordo com a abordagem qualitativa. Os instrumentos de coleta de dados foram a observação, o registro em caderno de campo e entrevista semi-estruturada com os discentes surdos. Nossos resultados apontam que a abordagem educacional bilíngue é a que melhor permite o desenvolvimento do aluno surdo, pois respeita as suas particularidades linguísticas e educacionais.

Palavras-chave: Surdo; Educação bilíngue; Educação inclusiva.

Abstract: This work aims to investigate the bilingual education approach for deaf people and the inclusive education offered to the students on bilingual school for deaf people Nossa Senhora da Conceição in Sumé, Paraíba, from the point of view of those students. Both for, fundamented in the Federal Law Nº 10.436, of april 24, 2002 assures the linguistic right for deaf people to be bilingual. The law recognizes Libras, as the official language of the deaf community and its Art. 1 asserts: "It is recognized as a legal means of communication and expression the Brazilian Sign Language - Libras and other resources of expression associated with it". The research is made through qualitative approach. The instruments for data collection were observation, the record in field notebook and semi-structured interview with the deaf students. Our results indicate that bilingual education is the approach that best enables the development of deaf students, as it respects their linguistic and educational peculiarities.

Keywords: Deaf; Bilingual education; inclusive education

1.Introdução

Atualmente a educação dos surdos vive um momento de ausência de consenso, visto que, de um lado, encontramos a educação inclusiva que, fundamentada na Lei 9394/96, Lei de

¹Autora - Licenciada em Educação do Campo pela Universidade Federal de Campina Grande/CDSA- Sumé. Email: adrianafariasnascimento@gmail.com.

² Orientadora - Professora de Libras da Universidade Federal de Campina Grande/CDSA- Sumé. Email: joycealencar100@gmail.com; Joyce.gomes@ufcg.edu.br.

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelece no capítulo V, Art.58 que a educação dos alunos com “necessidades educacionais especiais” deve acontecer, preferencialmente, na rede regular de ensino e, por outro viés, temos a Federação Nacional para Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) que luta por uma política educacional bilíngue para surdos, por meio de ações advindas do Movimento Surdo Nacional.

O litígio de um ambiente educacional bilíngue para os surdos ocorreu na região do cariri paraibano, com a implantação da Unidade Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (UMEIEF) Bilíngue para Surdos “Nossa Senhora da Conceição”, localizada na cidade de Sumé. A instituição que se propõe a ser pólo linguístico e educacional de surdos, no cariri, tem como uma de suas metas transformar o panorama educativo e social vivenciado pelos sujeitos surdos caririzeiros. A escola bilíngue no município caracteriza-se como uma instituição educacional surgida na contramão da educação ofertada pelo Ministério da Educação (MEC), um avanço alcançado dentro de uma história de injustiças e opressões, devido uma construção estereotipada³ do surdo como incapaz ou doente.

A ausência da audição é um fator determinante no processo educacional do surdo, pois a apropriação linguística do surdo acontece em uma perspectiva visual, sendo assim, o procedimento metodológico empregado na educação do surdo deve acontecer de maneira que as especificidades do aluno surdo sejam respeitadas. Por serem constituídos linguisticamente diferentes dos ouvintes, os surdos enfrentam impasses na educação, visto que ainda não se chegou a um consenso sobre qual abordagem educacional possibilita ao surdo um melhor desenvolvimento linguístico e educacional.

Diante desta realidade, podemos visualizar uma inadequação no sistema educacional em relação aos surdos, pois o discurso estabelecido em Lei não acontece na prática cotidiana das instituições escolares, e os surdos permanecem relegados a um processo de escolarização aquém do instituído em Lei.

A abordagem educacional bilíngue é uma proposta que visa que o surdo seja educado em um espaço educacional em que a língua de sinais do país (L1) seja a língua de instrução e

³“(…) é uma visão supersimplificada e usualmente carregada de valores sobre as atitudes, comportamento e expectativas de um grupo ou de um indivíduo. Tais visões, que podem ser profundamente baseadas em culturas sexistas, racistas ou preconceituosas, são altamente resistentes à mudança e tem um papel significativo na modelagem das atitudes dos membros da cultura para com os outros (...)” (EDGAR e SEDGWICK, 2003, p.107)

mediadora das aulas, e a língua escrita (L2) seja aprendida simultaneamente, desta forma, habilita o surdo para o uso de duas línguas. Esta modalidade tem sido difundida ultimamente por viabilizar ao surdo desenvolvimento linguístico, educacional e cultural.

O direito linguístico do surdo de ter a Libras como L1 e de ser bilíngue passa a ter efeito legal a partir da Lei Federal Nº 10.436, aprovada em 24 de abril de 2002. Esta Lei assegurou o direito de cidadania da identidade dos surdos, porém, em Sumé, os surdos viviam em um processo de invisibilização social, não exerciam o direito efetivo da língua de sinais e a comunicação dava-se por meio de gestos criados no cotidiano doméstico. Situações desta natureza são aplicáveis às demais cidades do cariri paraibano. Como destaca Porto *et al*,

A Libras, apesar de ser língua nacional desde 2002, ainda é desconhecida em muitas regiões do país. Nem todas as pessoas sabem que ela existe, ou se sabem de sua existência, desconsideram seu papel fundamental para o desenvolvimento dos surdos. Desse modo, pela falta de disseminação da Libras pelo interior do país, quando muitos pais percebem ou descobrem que seu filho é surdo, não têm comunidades surdas sinalizadoras para inserirem seus filhos e também para aprenderem. Assim, os pais da criança surda vão criando “gestos domésticos específicos” para suprir as necessidades de comunicação com o filho surdo. (PORTO *et al*, 2012, p.140)

Assim, a implantação da escola bilíngue para surdos em Sumé proporcionou mudanças no contexto linguístico, educacional e cultural dos surdos, pois passou a viabilizar o desenvolvimento de uma autoafirmação, enquanto surdo, e oportunizar aos alunos que a frequentam vivenciarem o cotidiano pedagógico tendo a Libras como língua de instrução para a aprendizagem, portanto, usuários de uma língua que apresenta estrutura diferente da utilizada pelos ouvintes. Esta circunstância posiciona o surdo como diferente dos ouvintes, na medida em que exige uma metodologia de sala de aula que contemple o visual espacialmente.

No contexto histórico da educação de surdos podemos visualizar o jogo de tentativas de desenvolver a fala para possibilitar a aprendizagem, desta forma, foram utilizados nos surdos os mais variados métodos de ensino da fala oral, mas todos negam o surdo como sujeito visual. Nossas leituras e vivências no cotidiano com os surdos mostram-nos que a abordagem bilíngue é a que melhor possibilita o desenvolvimento linguístico e educacional dos surdos. Stumpf (2009) nos lembra que:

A Educação Bilíngue é vista não apenas como uma necessidade para os alunos surdos, mas sim como um direito, tendo sempre como base o pressuposto de que as línguas de sinais são patrimônios da humanidade e que expressam as culturas das comunidades surdas. (STUMPF, 2009, p.427).

Não aceitar o surdo enquanto falante de Libras é ignorar a sua existência. Negar aos surdos a Educação Bilíngue é também negar o direito a sua língua e cultura, pois os surdos estão envolvidos em uma tradição cultural que os permite vivenciar um processo de desenvolvimento social com seus pares e oportuniza uma relação respeitosa com os ouvintes. É necessário que se reflita e sistematize este atual modelo de educação vigente no Brasil, para atenuar as exclusões na sociedade que prejudica os surdos dentro de sua dignidade.

O discurso perpetuado acerca da educação inclusiva vem dissociado de uma prática pedagógica condizente com as particularidades do surdo nas escolas regulares, pois, em sua maioria, as instituições educacionais não estão preparadas para receber estes alunos, os educadores não fazem uso da língua de sinais e, por vezes, até desconhecem. A presença de intérpretes na sala de aula é quase inexistente, prevalecendo, no contexto escolar, a concepção oralista que, hegemônica, não permite ao aluno surdo desenvolver satisfatoriamente a leitura e escrita ao final da educação básica. Nas instituições regulares de ensino, os surdos vivenciam um processo de exclusão escolar, com a negação da língua de sinais, com discursos marcados por estereótipos. Para Arcoverde (2011, p.151),

A educação dos surdos segue, portanto, como um problema complexo cercado pelas incertezas metodológicas, pelo não compartilhamento de línguas entre professores e alunos e pela dificuldade na compreensão de uma abordagem educacional e linguística que tivesse em vista oferecer uma educação de qualidade que reconheça o surdo na sua diferença.

As metodologias aplicadas em sala de aula contemplam a maioria dos alunos que são ouvintes, ficando os surdos relegados a um processo de supressão metodológica, além dos professores que não conseguem manter uma comunicação, como também os alunos que preferencialmente estabelecem comunicação com seus pares, os ouvintes.

Mesmo sendo a Libras a língua oficial dos surdos, em sala de aula regular a língua dos surdos brasileiros é desprestigiada, ficando a identidade dos surdos em segundo plano ou excluída. É necessário repensar as práticas educativas que estão sendo aplicadas aos surdos, dentro do modelo educacional inclusivo, tendo em vista que este atende a apenas um grupo específico de pessoas e exclui os demais, e, também, refletir acerca de que tipo de educação está se defendendo e oferecendo, pois:

O direito de igualdade é, nesse contexto, tomado de forma linear e excludente, pois define o modelo a ser seguido, determinando o que deve ser igual. Na verdade, as práticas e concepções dos professores parecem estar bem consentâneas ao direito de tornar a todos iguais. (DORZIAT, 2011, p.59)

As políticas públicas de educação inclusiva têm ignorado a diversidade de pessoas, suas condições e pluralidade cultural. E, no que se refere aos surdos, é ignorado o seu direito linguístico, pois a presença de um intérprete em sala de aula não promove a inclusão nem mesmo favorece com eficiência a aprendizagem, como também é desprestigiada a língua de sinais que é a representatividade maior do surdo, da cultura e da comunidade surda. Que educação inclusiva é essa que enaltece apenas a superioridade ouvinte?

As leituras, observações e, principalmente, a vivência na escola, possibilitaram-nos observar, diante do contexto escolar e social, que a Libras é a língua que melhor garante um pleno desenvolvimento ao surdo, enquanto a Língua Portuguesa escrita confere a estes sujeitos estarem inseridos em um contexto que a escrita circula de forma constante. Em contraponto, percebe-se que a educação inclusiva vem desacompanhada de políticas públicas que garantam a inclusão e desenvolvimento do surdo no sistema educacional em vigor.

Apresentação da metodologia aplicada na pesquisa

A proposta metodológica para dar subsídio à pesquisa segue a abordagem qualitativa, visto que esta modalidade permite descrever, explorar e compreender o universo contextual das ações educacionais que envolvem a educação de surdos. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.48), “os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando observadas no seu ambiente habitual de ocorrência”. Sendo assim, o pesquisador deve assumir uma postura investigativa com atenção aos detalhes, pois são úteis para condução da investigação, a descrição e resultado final do processo investigativo.

E, para alcançar os objetivos da pesquisa, foi utilizado instrumental de coleta de dados em forma de entrevista e caderno de campo. A entrevista é uma ferramenta que possibilita um contato direto com o sujeito e permite ao entrevistador uma flexibilidade para elucidar dúvidas que surgirem durante o processo de entrevista. Pois, como aborda Bogdan e Biklen (1994, p.134), “[...] a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.” Assim, em uma entrevista, o pesquisador deve estar atento a fatos e registros que podem ser relevantes na investigação e resolução de um problema educacional e social.

Já o caderno de campo é essencial para o registro de informações acerca dos sujeitos e cenário a ser investigado, pois os sujeitos encontram-se à vontade em seu ambiente natural. Richardson (1999, p.260) assegura que: “Nesse tipo de observação, o investigador não toma parte dos conhecimentos do objeto de estudo como se fosse um membro do grupo observado, mas apenas atua como espectador atento”. E, para melhor entender o cenário educacional pesquisado, é necessário uma revisão da literatura de autores especializados na área.

O espaço de realização da pesquisa foi a Unidade Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental para surdos Nossa Senhora da Conceição. Localizado na Rua Fausto Mendonça, nº 214. Bairro Mandacaru, em Sumé/PB. A instituição educacional para surdos pertence à rede municipal de ensino e foi fundada em 30 de março de 2012, de acordo com a Lei Municipal nº 1.052, de 30 de março de 2012. A iniciativa de sua fundação partiu do poder Executivo, que encaminhou à Câmara de Vereadores o projeto de lei com o intuito de atender alunos surdos de todo o cariri.

Quanto às modalidades e níveis de ensino, a escola funciona com um total de 12 alunos do Ensino Fundamental, em uma turma multisseriada, que funciona no turno matutino, com todos os alunos surdos.

No tocante ao quadro docente da instituição, a escola dispõe de um instrutor de Libras surdo, que ensina a Libras como primeira língua e uma professora ouvinte, que leciona a Língua Portuguesa escrita como segunda língua, além dos outros componentes curriculares comuns às escolas. A Libras é a língua de instrução de todas as demais disciplinas, pretendendo-se que seja a língua mais forte dentro da escola.

O estudo foi constituído de entrevistas com os 12 alunos de faixa etária que varia de 09 a 45 anos de idade; 07 alunos do sexo masculino e 05 do sexo feminino. Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos por serem surdos e estarem inseridos em uma instituição educacional bilíngue, que atende especificamente a alunos surdos. E, para não expor os sujeitos da pesquisa, optamos por identificá-los com nomes fictícios, que correspondem à letra inicial do nome de origem.

Os alunos da escola responderam a uma entrevista semiestruturada, sendo as perguntas feitas e respondidas em Língua Brasileira de sinais, filmada e, logo após, transcrita para a Língua Portuguesa escrita. E, como também foram observadas em campo a vivência destes educandos, em seguida, registrou-se as informações no caderno de campo, dessa forma,

permanecemos na sala de aula, observando, sem fazer interferência e anotando no caderno os detalhes relevantes para a pesquisa, que possibilitou analisar e sistematizar as informações.

Análises e sistematizações

A fala dos surdos nos mostra que a Libras, é a principal representatividade do surdo, é uma língua viva, que atende às especificidades linguísticas dos surdos e reconhece as diferenças, promove o respeito ao surdo, pois não apaga, nem mesmo ignora, a diferença, esta é aceita e não tolerada.

No que se refere a experiências educacionais dos alunos na rede regular de ensino, o relato das vivências dos educandos confirma que o modelo inclusivo de educação está equivocado com a educação oferecida aos surdos. Esta inclusão só está escrita no papel, na realidade, a situação do surdo na escola regular é de isolamento.

A escola regular é específica para os ouvintes, que se comunicam e aprendem via audio-oral; os surdos se comunicam e apreendem através da língua de sinais, uma língua visoespacial, portanto, é necessário resignificar o currículo escolar de acordo com as singularidades, pois:

Ao optar por privilegiar uma única forma de trabalhar o currículo, sem considerar as peculiaridades dos estudantes envolvidos, no caso particular, os surdos, o professor continua produzindo o ensino alienante que não valoriza a cultura do surdo nem viabiliza um espaço social para ele. (LIMA, 2011, p. 170).

Considerando que o campo de aprendizagem não é igual para todos, os surdos são sujeitados a estarem inseridos em um sistema educacional unilateral que não reconhece a língua de sinais como viabilizadora da aprendizagem. Para tanto a escola regular precisa mudar e melhorar o atendimento ao aluno surdo, para que ele sinta-se incluso e acolhido neste espaço de aprendizagem e troca de saberes.

Para o aluno surdo ir à escola e permanecer, a maior parte do tempo, só escrevendo, é angustiante, pois o intuito dele é aprender, porém, as metodologias aplicadas não condizem com a especificidade do surdo. As exclusões sofridas pelos surdos, no contexto de sala de aula, causam raiva e ressentimentos e provoca a evasão do surdo do espaço escolar.

Os surdos não têm necessidades educacionais especiais, mas necessidade e direito a uma metodologia educacional que contemple o desenvolvimento da aprendizagem através de sua língua nativa, ou seja, a língua de sinais. Conforme Rosa (2012, p.161), “na escola para

surdos, que reconhece e incorpora a língua de sinais no seu cotidiano, as relações de respeito e reconhecimento do aluno surdo e suas diferenças estão concretizadas e são percebidas por eles”. Diante desta perspectiva, é imprescindível que o currículo escolar do aluno surdo seja baseado na abordagem bilíngue, pois, só assim, ele irá obter condições propícias para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa.

Como consta na fala dos alunos, em uma instituição bilíngue para surdos, a aprendizagem é diferenciada, pois as palavras passam a ter um significado visualmente, e, com base na língua de sinais que é a primeira língua de instrução, estes alunos aprendem durante todo o tempo, pois realmente acontece a integração com seus pares surdos. Para Machado,

A escola precisa reconhecer o fato de que, para os surdos, é imprescindível que eles se encontrem e se agrupem. Nesses grupos podem estabelecer comunicação e sentirem-se confortáveis pela afinidade e identidade relativas à surdez, além da importância da linguagem compartilhada para o processo de construção do conhecimento e da formação da consciência. (MACHADO, 2008, p.100).

A língua de sinais na educação do surdo desempenha um papel determinante na construção do conhecimento e desenvolvimento de habilidades linguísticas, comunicativas e cognitivas, portanto, de acordo com esta perspectiva, a educação bilíngue é a proposta que os surdos buscam como direito de serem educados, para legitimar sua língua e identidade cultural.

Como mostram as falas, para o surdo desenvolver a aprendizagem, é essencial a aquisição da Libras, e o espaço educacional bilíngue rompe com os estigmas de incapacitado, eleva a autoestima e possibilita que o surdo construa a sua aprendizagem visualmente e dê significado às vivências do cotidiano, visto que o surdo que estuda, de acordo com esta abordagem, habitualmente interage com seus pares, amplia o vocabulário linguístico e potencializa a obtenção de conhecimentos. A escola bilíngue, para muitos surdos, é o local onde eles podem efetivamente realizar uma comunicação pautada na língua de sinais.

A partir dos relatos dos alunos, podemos observar que esta abordagem metodológica bilíngue oferece aos surdos possibilidades de estes ultrapassarem os limites do preconceito e exclusão para que se reconheça as diferenças e se transforme o panorama educacional. Pois, de acordo com Martins:

A escola para surdos de proposta bilíngue proporciona, muitas vezes, a única construção de identidades. A partir do reconhecimento da identidade, das trocas significativas com seus pares, é que os surdos vão se fortalecer, estabelecendo relações seguras com o mundo, porque essas são feitas por meio de suas escolhas compreensão e consciência. (MARTINS, 2012, p.159).

A relevância da escolarização bilíngue para surdos centra-se na língua e cultura, partindo das relações estabelecidas cotidianamente, visto que, como podemos observar, muitos surdos vivenciam um processo de supressão linguística no espaço familiar e a escola bilíngue é um contexto onde exclusivamente os surdos vivenciam o direito ao respeito linguístico e cultural, partindo da diferença.

É fundamental preservar a comunidade surda, pois, através dos surdos inseridos nesta comunidade, são transmitidos a cultura, os aspectos linguísticos, conceitos e valores que são difundidos e sistematizados para a evolução linguística e educacional.

Considerações finais

O contexto histórico da educação dos surdos apresenta fatos que deixaram vestígios na atualidade, os resquícios de toda essa opressão, há necessidade de, ainda hoje, os surdos lutarem para ter a sua língua (re)conhecida perante a sociedade.

Atualmente, o que está em vigor na lei brasileira, na educação de surdos, é o modelo de inclusão, ponto de vista, novamente dos ouvintes, de que esta é a melhor proposta para a educação de surdos. De modo diverso, a comunidade surda almeja participar da sociedade sendo respeitada como surda e tendo o direito a um espaço educacional exclusivo, em que todas as ações desenvolvidas na escola contemplem a língua de sinais e o viés cultural como pontos comuns em todas as atividades.

Ao término de nosso processo de investigação, podemos concluir que a abordagem bilíngue é a que melhor contribui para o desenvolvimento do surdo, seja na instância linguística, educacional e social, visto que favorece o compartilhamento de culturas e o desenvolvimento da língua de sinais. Percebemos que ainda há muito a ser investigado com relação ao projeto educacional de Sumé para os seus surdos.

Referências Bibliográficas

ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. In: Dorziat Ana (org). **Estudos Surdos**: diferentes

olhares. Porto Alegre: Mediação, 2011.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

_____. Lei 10.436/02, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1991.

DORZIAT, Ana. **Estudos Surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria social de A a Z**. São Paulo: [s. n.], 2003.

LIMA, Niédja Maria Ferreira de, In: DORZIAT, Ana (org) .**Estudos Surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

MACHADO, Paulo Cesar. **A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo**- Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

MARTINS, Carlos Roberto. **A cultura surda na escola**. . In:_____. Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Perlin, Gladis; Stumpf, Marianne (org.) 1ed- Curitiba, PR: CRV, 2012.

PORTO, Shirley Barbosa das Neves. Desafios e perspectivas para movimento surdo em Sumé, no Cariri Paraibano. In: SILVA, José Irivaldo Alves de Oliveira. et al (org.). **Cidadania, Educação e Direitos Humanos no Semiárido**. Campina Grande – PB: EDUFCEG, 2012. RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. ROSA, Emiliana Faria. **Identidades Surdas: o identificar do surdo na sociedade**. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne. (orgs). **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba - PR: CRV, 2012.

STUMPF, Marianne Rossi. **A educação bilíngue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira**. In: QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi (org.) Estudos surdos IV. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

ⁱ Parte deste artigo integra o trabalho de conclusão de curso “Contexto histórico, linguístico e educacional dos surdos, ao longo dos tempos: um novo paradigma construído na realidade da Escola Bilíngue para surdos em Sumé – PB”, de autoria de Adriana Farias do Nascimento, defendido em abril de 2014.